

# E AS PARATOPIAS?

*AND WHAT ABOUT PARATOPIES?*

**Daniel Figueiredo<sup>1</sup>**

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i2.196>

**RESUMO:** Muito tem se discutido sobre as utopias, talvez porque sua dobra antagônica, a distopia, acaba fazendo muito mais sucesso nas livrarias, no cinema, na cultura contemporânea de maneira geral. Enquanto a utopia versa sobre o futuro desejável, a distopia nos apresenta um futuro a ser temido. Nessa disputa, ainda temos as heterotopias, espaços reais, concretos e localizáveis que funcionam sob regras diferentes das normas vigentes, ao menos é assim que geralmente à definimos. Enquanto utopias são idealizadas e desejadas, as heterotopias são reais e localizáveis geograficamente. Elas são “utopias que têm um lugar preciso e real”. As heterotopias são existências espaciais, sociológicas e ontológicas que nos ajudam a compreender as relações de poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Utopia. Distopia. Heterotopia.

**ABSTRACT:** Much has been discussed about utopias, perhaps because their antagonistic counterpart, dystopia, has become far more successful in bookstores, cinema, and contemporary culture in general. Whereas utopia envisions a desirable future, dystopia presents a future to be feared. Within this debate, there are also heterotopias: real, concrete, and geographically identifiable spaces that operate according to rules different from prevailing norms, at least as they are commonly defined. While utopias are idealized and desired, heterotopias are real and geographically locatable. They are “utopias that have a precise and real place.” Heterotopias constitute spatial, sociological, and ontological forms of existence that help us understand power relations.

**KEYWORDS:** Utopia. Dystopia. Heterotopia.



1 Professor Adjunto do Departamento de Fundamentação da Educação na Universidade Federal da Paraíba. Pós-doutor em Arte e Cultura Visual na UFG e pós-doutorando em Antropologia na UFPB.

Muito tem se discutido sobre as utopias, talvez porque sua dobra mantagônica, a distopia, acaba fazendo muito mais sucesso nas livrarias, no cinema, na cultura contemporânea de maneira geral. Enquanto a utopia versa sobre o futuro desejável, a distopia nos apresenta um futuro a ser temido. Nessa disputa, ainda temos as heterotopias, espaços reais, concretos e localizáveis que funcionam sob regras diferentes das normas vigentes, ao menos é assim que geralmente à definimos. Enquanto utopias são idealizadas e desejadas, as heterotopias são reais e localizáveis geograficamente. Elas são “utopias que têm um lugar preciso e real”. As heterotopias são existências espaciais, sociológicas e ontológicas que nos ajudam a compreender as relações de poder.

Gosto muito do tratamento conceitual dado na medicina para a heterotopia, a saber, um *tecido em local atípico*, Referindo-se à presença de tecido que deveria estar em outro lugar, diferente de sua localização anatômica normal. Quando exploramos as metáforas que derivam desta conceituação, pensemos os tecidos sociais, camadas culturais ou uma lógica epidérmica das culturas contemporâneas e suas interrelações. As heterotopias, assim, provocam uma presença anômala que possibilita o diagnóstico social da diferença. São espaços que completam todo o conjunto do entorno social, ao mesmo tempo que os diferenciam.

Foucault (1999, p.8), o mestre das heterotopias afirma:

Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias (encontradas tão frequentemente em Borges) dissecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases.

O tema deste evento propõe mais uma dobra dentro desta geografia social, a saber, os afetos. Esta inserção não somente provoca, mas potencializa estes espaços sociais, oníricos, ontológicos ou mesmo poéticos. Os afetos atravessam e produzem agenciamentos entre o possível e o verossímil, entre o espaço real e o imaginado (não seriam ambos a mesma coisa?) O afeto é a tecnologia invisível desses lugares: ele conecta o *lugar possível* (utopia) e o *outro-lugar* (heterotopia) por um campo de intensidades. O afeto neste, neste sentido, é o movimento de deslocamento.

Se a utopia projeta uma linha de fuga para o porvir e a heterotopia revela a fratura interna do presente, os afetos operam como cartógrafos silenciosos dessas geografias. Eles não apenas atravessam esses espaços, mas os modulam, alterando sua temperatura e seu regime de visibilidade. Há

lugares que só se tornam possíveis quando afetados, assim como há afetos que só emergem em determinadas arquiteturas simbólicas. Em outras palavras, não há topologia social que se sustente sem a delicada maquinaria afetiva que a anima. O afeto é o que produz sutis deslocamentos, abrindo pequenas brechas no tecido do real, permitindo que algo novo se anuncie, mesmo que provisoriamente. Na linguagem spinozana, o afeto é, também, um *afectio*<sup>2</sup>, um movimento, onde tudo que afeta se move, é uma modificação qualquer do corpo, causada pelo encontro com outros corpos e que altera, para mais ou para menos, a sua potência. O afeto é a passagem de um estado de um corpo para outro, diminuindo ou aumentando sua capacidade de agir sobre outros corpos e si mesmo. Posso chamar isso de encontro (*ocurrus*)<sup>3</sup>.

Ao pensarmos as heterotopias como presenças anômalas, esse tecido fora do lugar, percebemos que elas não se limitam a denunciar o desajuste; elas também o tornam habitável. O estranhamento que produzem é, por si só, uma forma de conhecimento. E aqui, novamente, o afeto desempenha papel fundamental: ele é o que permite que o diferente seja percebido, reconhecido, sentido. Sem afeto, a heterotopia seria mero desvio; com afeto, ela se torna superfície sensível de leitura do mundo. Seu caráter anômalo não é apenas diagnóstico, mas convite, para tocar naquilo que excede o já dado, aquilo que insiste em existir à revelia das normas.

Assim, utopias e heterotopias não são apenas categorias espaciais; são regimes do sensível. A utopia pulsa como um desejo que ainda não encontrou lugar; a heterotopia vibra como um lugar que ainda não encontrou sentido. Entre uma e outra, os afetos criam faíscas, zonas transitórias onde o imaginado se enraíza e o real se desloca. É nesse movimento, sempre tenso, sempre vivo, que se desenham os contornos do possível. Pensar essas geografias afetivas é pensar também nossas maneiras de estar no mundo: como desejamos, como estranhamos, como sonhamos e como nos deixamos tocar por aquilo que o mundo insiste em nos apresentar, às vezes como promessa, às vezes como desvio, sempre como intensidade.

É nessa cartografia de afetos, desejos e deslocamentos que a paratopia irrompe como uma dobra adicional, não exatamente um lugar, mas um *modo de espacializar*. A paratopia é um conceito que surge na análise do discurso literário como uma certa condição de não

---

2 Ver Deleuze, 1978 p.9.

3 Spinoza, Ética, II, Prop. 29, escólio

pertencimento e pertencimento, que ao mesmo tempo é uma criação de si e do outro, um limiar que se estrutura na ausência e preenchimento de espaços, na constituição de lugares e não-lugares. Se a utopia projeta e a heterotopia desloca, a paratopia suspende. A paratopia é uma existência do quase, do entre, do ainda-não: uma região em que os contornos esgarçados da linguagem, da política e do sensível produzem uma espécie de clareira precária. Ali, o mundo não se apresenta em sua forma acabada, mas em estado de germinação. Ela emerge como esse território instável onde nada está totalmente dentro ou fora, onde pertencimento e estranhamento se *co-implicam*.

Ao contrário da utopia, que mira o horizonte, da heterotopia, que se ancora no real deslocado, a paratopia se constitui como um constante gesto de negociação entre forças. Ela é o que sobra quando a norma falha e o desejo ainda não se estabiliza; é o campo de atrito onde o sujeito tenta se dizer, mesmo quando não encontra vocabulário. Por isso, a paratopia é também um fenômeno afetivo: nasce das tensões, dos ruídos, das pequenas impossibilidades que estruturam o cotidiano. É nesse espaço indeterminado que surgem novas possibilidades de enunciação, novas formas de configurar o sensível, novas micro-utopias que ainda não decidiram se querem ser mundo.

Se a utopia projeta e a heterotopia localiza, a paratopia desloca. Uma espécie de *zona de ilegibilidade provisória* onde os corpos e os discursos ainda não encontraram forma estável. A paratopia é o território do inacabado, do que está por vir, do que só existe como vibração. Assim, ela não se opõe às outras topias; antes, as tensiona, as embaralha, cria brechas. A paratopia é o modo como os afetos enunciam o espaço, um espaço que nunca coincide consigo mesmo. Talvez por isso seja menos um lugar e mais um modo de pertencer, sempre à beira, sempre à deriva.

Destarte, funciona como *dobra* que redistribui as forças entre o que imaginamos, o que vivemos e o que tentamos, incessantemente, tornar dizível. É uma espécie de borda sempre por refazer, um espaço de experimentação que acolhe o tremor, a hesitação, o balbucio, tudo aquilo que ainda não conquistou forma estável, mas já tem intensidade suficiente para afetar. Assim, a paratopia amplia a geografia dos afetos, abrindo uma zona onde o possível se deixa contaminar pelo incerto, e onde o pensamento pode, enfim, demorar-se no intervalo entre o que somos e o que ainda podemos vir a ser.

Nesse sentido, os afetos não são acessórios dessas geografias, mas sua própria maquinaria. Se nas heterotopias o tecido está deslocado, nas paratopias é o próprio gesto de deslocar que ganha densidade. A paratopia é afetiva porque só existe como intensidade que passa, como corrente que não se fixa, como ocorre no zine, no jogo digital, no encontro spinozano, na performance, na fabulação ciborgue. (falo disso porque são objetos diretos de minhas indagações de pesquisas) A paratopia não é sobre o “onde”, mas sobre o “como”: como algo se produz como lugar enquanto ancora e desancora subjetividades. Ela é uma topologia vibrátil: um espaço que se abre quando a potência aumenta e que se fecha quando a tristeza captura. É essa instabilidade que dá à paratopia sua força política, ela desobedece silêncios, vaza bordas, cria zonas autônomas temporárias onde o pensamento experimenta outro ritmo.

Aponto que pensar as paratopias ao lado de utopias e heterotopias é pensar um regime topológico dos afetos. Reconhecendo que os afetos não se distribuem ao acaso: eles *desenham* o espaço, torcem suas linhas, reorganizam sua materialidade. Cada uma dessas *topias* produz um modo específico de circulação afetiva, uma maneira própria de convocar, reter ou dispersar intensidades.

Não estamos diante de categorias estanques, mas de uma geometria existencial em que os afetos funcionam como forças de dobra, criando zonas de aproximação, afastamento e liminaridade. O espaço, aqui, não é o palco onde os afetos acontecem; é o que se cria a partir deles. A paratopia não substitui nada: ela injeta estranhamento na utopia e desestabiliza a heterotopia; ela instaura um *campo de experimentação* entre aquilo que desejamos e aquilo que já somos.

A paratopia é, em última instância, o espaço onde a imaginação se torna política e onde o afeto se torna técnica de sobrevivência. Um lugar sem lugar, mas que nos ensina a habitar e a fabricar mundos, talvez, mais porosos, mais sensíveis, mais potentes.

Quando introduzimos os afetos como eixo central dessas topologias abrimos espaço para uma filosofia política que não se limita à administração das instituições, mas se fundamenta na administração das sensibilidades, dos encontros. Os afetos, nesse sentido, são operadores políticos fundamentais: definem o que pode ser sentido, principalmente no que tange ao que pode o corpo, seja ele monstruoso, estético, ético, político o que dá no mesmo. O político deixa de ser mero debate racional e passa a ser também disputa pelo sensível: pelo regime das percepções, dos encontros, das potências e das

vulnerabilidades. Cada *topia*, portanto, torna-se igualmente um regime de governo dos afetos, uma maneira de atravessar, esperar, hesitar, desejar, compor, potencializar, degradar, produzir circuitos, zonas de fricção. A paratopia, ao instaurar instabilidade e desajuste afetivo, revela essa camada micropolítica que sustenta toda macropolítica.

Talvez, politicamente, isso possa significar suspender a exigência neoliberal de coerência, produtividade e transparência, abrindo espaço para a emergência de modos de existir que escapam à racionalidade dominante. A paratopia devolve ao afeto sua natureza de acontecimento, não de mercadoria; de processo, não de finalidade.

A paratopia torna visível essa variação: ela é o lugar onde o comum ainda está por ser inventado, onde os corpos vacilam antes de se alinharem, onde o político é suspenso para poder ser reinventado. Uma política dos afetos é, portanto, uma política da atenção: da escuta dos intervalos, da sustentação das hesitações, da hospitalidade aos inacabamentos. É isso que a paratopia, enquanto dobra sensível, nos ensina, não a estabilizar o possível, mas a habitá-lo enquanto risco.

E, ao fim, talvez tudo se resuma a isso: às pequenas modulações que nos movem para fora de nós mesmos. Às intensidades que dobram o mundo por dentro, que rasuram certezas, que deslocam superfícies. Caminhamos entre utopias que desejam, heterotopias que desafinam, paratopias que hesitam e é nessa hesitação que o pensamento encontra fôlego. Porque é ali, no quase, no intervalo, no ainda-não, que o sensível aprende a respirar de outro jeito.

Se o espaço sonha, é porque antes foi afetado. Se o corpo cria, é porque antes foi tocado. Nada se sustenta sem esses micro atravessamentos que nos alargam a pele, que nos desobedecem silenciosamente, que nos obrigam a inventar modos de estar no mundo que não estavam previstos no mapa. Talvez seja essa a lição das *topias*: o mundo não está dado; ele está, sempre, sendo feito e desfeito por aquilo que nos atravessa.

E assim seguimos, entre dobras, intervalos e discontinuidades, aprendendo a habitar o impossível com algum cuidado, com algum delírio, com alguma coragem. Que possamos, então, deixar que as paratopias continuem abrindo frestas no real. Frestas pelas quais o pensamento escapa, o corpo respira, a política se reinventa. Frestas por onde o futuro, quem sabe, possa finalmente acontecer.

## Referências

DELEUZE, G. (1978) L'Affect et l'Idée. In: Gilles Deleuze explique Spinoza – Vincennes 1978-1981 – [www.webdeleuze.com](http://www.webdeleuze.com).

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas / Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)

SPINOZA, B. (2008). Ética (2a. ed.) (T. Tadeu, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.